

Educação e estética em Theodor Adorno: formação e experiência para além da sociedade administrada

Giovane Rodrigues Jardim*

Resumo: O presente artigo procura delinear a experiência estética e a educação formativa na perspectiva filosófica de Theodor Adorno para compreendê-las como possibilidades históricas para além da sociedade estabelecida. Adorno foi um importante pensador da Teoria Crítica da Sociedade, no âmago da Escola de Frankfurt, e sua reflexão sobre a incapacidade humana de fazer experiências formativas situa-se na crítica a sociedade administrada, bem como em seu empenho de evidenciar as possibilidades de uma realidade mais qualitativa para a vida humana. Como imperativo ele insere a premência de uma educação que não possibilite que a barbárie retorne ao mundo humano, tomando como exemplo o Nazismo. Neste percurso compete pensar a sociedade como nexos funcionais, a crise da educação formativa, bem como as ambiguidades da estética em uma sociedade administrada, com a finalidade de melhor compreender a tematização de Adorno em torno da educação e da estética no horizonte de sua dialética negativa e crítica radical a sociedade pela repressão e aplainamento das potencialidades humanas.

Palavras-chave: Dimensão estética. Experiência formativa. Educação. Moralidade política.

Introdução

A educação e a estética são temáticas recorrentes na elaboração de Theodor Adorno (1903-1969), e ao associar esta recorrência a sua reflexão sobre a emancipação humana, pode-se perceber que elas formam um elo importante em seu pensamento. Seja nos escritos propedêuticos, seja em obras tardias como *Dialética Negativa* e *Teoria Estética*, a problemática da educação para Adorno surge análoga aos problemas da estética, e em uma sociedade administrada, como sinônimas de semiformação e de incapacidade para fazer experiências.

À guisa de introdução, torna-se premente compreender que para Adorno a educação e a estética estão interligadas, e não só entre si, mas principalmente em sua inter-relação na

* Mestre em Ética e Filosofia Política pelo Instituto de Filosofia, Sociologia e Ciência Política da Universidade Federal de Pelotas. E-mail: giovanerj@hotmail.com

sociedade em que estão inseridas. Entretanto, numa “sociedade administrada” como a hodierna “sociedade de massa” esta relação não é salutar, mas significa a transposição dos limites da experiência estética para a formação do pensar e do agir humano – ou melhor, para a sua não formação. Nestes termos destaca Adorno (2010a, p. 148) que “o defeito mais grave que nos defrontamos atualmente consiste em que os homens não são mais aptos à experiência, mas interpõem entre si mesmos e aquela a ser experimentada aquela camada estereotipada a que é preciso se opor.” Esta camada estereotipada impossibilita uma experiência humana formativa, e tangencia uma afirmação do produto mais ambíguo da modernidade, o indivíduo.

A abordagem adorniana sobre a estética, bem como a tematização da educação, estão centradas por um lado na crítica a “sociedade administrada”, e por outro lado, no delineamento das condições e possibilidades do estabelecimento de uma realidade mais qualitativa para o humano. A crítica de Adorno a sociedade tida como uma “totalidade abstrata”, no âmago da Teoria Crítica da Sociedade elaborada pelos interdisciplinares pensadores da primeira geração da Escola de Frankfurt, aponta para um movimento de “autorrealização” da sociedade. Na “sociedade administrada”, que também pode ser criticamente chamada de “sociedade de massa” ou de “sociedade da indústria cultural”, impera uma luta humana por subsistência, um conflito entre os homens e deles em relação a natureza, e o imperativo a justificar a mais-repressão $\rightarrow$ repressão desnecessária para a vida social $\rightarrow$ é o progresso das técnicas materiais de produção.

Para não romper com este entrelaçamento entre vida e produção, entre liberdade e repressão, entre progresso e desenvolvimento, a “sociedade administrada” se estabelece a partir do aplainamento das qualidades e possibilidades humanas. Em outras palavras, se o ser humano é um ser social e relacional, e só o é por viver em uma rede de relações, uma sociedade para justificar o progresso técnico, mesmo que este implique em subdesenvolvimento humano $\rightarrow$ a barbárie $\rightarrow$, só é possível a partir de uma relação de não experiência. O fato de cada vez mais os homens e mulheres viverem próximos fisicamente, como exemplifica nossas megalópoles modernas, ou mesmo nossas favelas urbanas, não significa que estejam convivendo, dialogando, ou mesmo, fazendo compromissos comuns e duradouros. A atomização social, bem como a indústria cultural, implicaram no revés da noção de liberdade produzida pela modernidade; para que o indivíduo se tornasse livre, foi preciso que ele deixa-se de ser um sujeito, um ser único e irrepetível, e se transforma $\rightarrow$ coisificasse $\rightarrow$ em um protótipo. Neste sentido, a educação transformou-se em semiformação,

ou seja, em uma experiência aquém daquela camada estereotipada. E o mesmo o corre com a experiência estética.

A semiformação naturaliza a vida humana como uma labuta pela subsistência, dela resulta uma “boa consciência”, ou seja, “um conformismo com a reprodução do que é sempre o mesmo.” (ADORNO & HORKHEIMER, 2006, p. 126) Neste sentido, a sociedade administrada é uma “totalidade totalizante”, e não é formada por cidadãos – por sujeitos históricos –, mas por “indivíduos” que são os produtos de reprodução da maquinaria não social estabelecida. E para alcançar âmbitos mais profundos do pensar e do agir humano, a sociedade administrada tangencia a ilusão de que os seres humanos podem agir de forma correta em uma totalidade incorreta. Adorno ressalta, na *Mínima Moral* (1970, § 18, p. 29), de que “não há nenhuma vida reta na falsa”, ou seja, de que na sociedade em cuja moral e política estão destorcidas, não há a possibilidade de uma vida correta (satisfatória, segundo os padrões do humano).

Esta ilusão de “uma vida reta na falsa” é questionada por Adorno, pois se o indivíduo é o protótipo de um universal, no âmbito da sociedade administrada, como poderia ser ele a exceção de um regra geral? Sua resposta a esta questão perpassa sua elaboração filosófica, e pressupõe o estabelecimento de um outro modelo de sociedade, uma sociedade como nexo funcional. Dessa forma, “a cultura de massas revela o caráter fictício que a forma do indivíduo sempre exibiu na era burguesa, e seu único erro é vangloriar-se por esta duvidosa harmonia do universal e do particular.” (ADORNO E HORKHEIMER, 2006, p. 128) Neste sentido, (*Idem*, 2006, p. 27), “a unidade da coletividade manipulada consiste na negação de cada indivíduo; seria digna de escárnio a sociedade que conseguisse transformar os homens em indivíduos.”

1 A sociedade como nexo funcional

Adorno compreende a sociedade dialeticamente, não como um aglomerado de indivíduos, não sendo ela um todo abstrato, a própria interligação entre as pessoas. A sociedade estabelecida, por pior que seja, não é assim por uma necessidade natural, mas por escolhas humanas ao longo de sua história. Para Adorno é necessário ter presente o significado de “sociedade”, caracterizando, a partir disso, a noção de que existem “diferentes tipos de sociedade, inclusive coexistentes”, não podendo ela ser definida em um único conceito.

Adorno refere-se ao sentido de sociedade enfatizado deste o século XIX, não se detendo em explicitar pormenores sobre as sociedades primitivas, tais como as hordas, as sociedades dos caçadores e a sociedade dos coletores. Para ele, a sociedade em sentido enfático implica em socialização, ou seja, difere das sociedades anteriores pela interação entre os particulares entre si e com o todo. Adorno (2008, p. 102), então, afirma que “há entre os homens um nexo funcional”, um enredamento, sendo a sociedade “mediada e medidora entre os homens isolados e não aglomerados” (*Idem*, 2008, p. 119). Este enredamento é essencialmente determinado pela troca; assim, “o que realmente torna uma sociedade em algo social, [...] é a relação de troca, que unifica virtualmente todos os homens participantes desse conceito de sociedade.” (*Ib.*, 2008, p. 106)

Em consequência, a emancipação da sociedade seria sua própria realização. Entretanto, a sociedade como hoje se apresenta superou o afastamento entre os indivíduos e entre os grupos: superou, não pela solidariedade, mas pela supremacia de vontades individuais impostas como gerais. Assim, ao passo que elimina o isolamento dos sujeitos particulares – pela indústria cultural– a própria sociedade “enquanto rede de relações tecidas entre os homens” se encontra em explosão interna. A proximidade gerada em um estádio de futebol, na violência excessiva no trânsito, o não convívio com vizinhos de condomínio, a irresponsabilidade com o cuidado e a educação das crianças, enfim, são muitos os exemplos do sobrepujo do individual sobre os demais como se fosse uma vontade geral. A realidade de dominação, por exemplo, é uma contradição fundamental. E isso não ocorre porque o que é ou não é uma sociedade seja indefinível, mas porque o domínio de um sobre o outro interrompe a reciprocidade e, assim, o nexo funcional que está além do aglomerado de homens.

A “sociedade de massas” é o próprio “designificado” do termo enfático de sociedade: a burguesia produziu seu ideário social, ao mesmo tempo em que iniciou o aplainamento do distanciamento e das particularidades subjetivas por uma incessante “luta por subsistência”, maior do que aquela existente desde as cavernas, elaborou um enredamento dos homens na lógica do consumo, com a incessante busca por saciar necessidades produzidas (não reais, inautênticas). Este novo embate pela subsistência é uma socialização repressiva e coercitiva do humano. Atualmente, aquele que quer sobreviver tem que se adaptar ao sistema, pois do contrário ficará marginalizado, caracterizado como fracassado. Por exemplo, não bastam roupas e calçados para estar presente na escola, na igreja, enfim, para expor-se em público, pois o sistema impõe marcas, detalhes, tornando as crianças e jovens, em especial, vitrines do

que é preciso ter para “ser” feliz, mas como tudo isso é caro, o ardor pela posse, seja de dinheiro, bens, capitais, torna-se imperioso.

Entretanto, para Adorno a sociedade histórica é mais plural do que desejaram os seus administradores e detentores da maquinaria de controle social, e nesta diversidade subjugada reside à possibilidade de uma realidade mais qualitativa no sentido enfático. Nesta pluralidade histórica resiste subversiva a possibilidade de uma educação que recapacite para experiências formativas, a educação e a estética não só reproduzem o sistema estabelecido, como também resguardam elementos para a sua transformação. Quando Adorno afirma que a educação não é um fator necessariamente de emancipação, não está negando que ela seja um fator para a realização de tal liberdade humana, mas em contraste com sua abordagem estética, têm premente que a educação $\neg$ familiar, ou formal $\neg$ não é um fator suficiente para a emancipação.

2 A crise na educação formativa

O delineamento da abordagem de Adorno e sua crítica a moralidade política vigente possibilita de forma perspectiva a compreensão de suas implicações no âmbito da educação, e no que interessa, das consequências deste contexto para sociedade brasileira que enfrenta uma profunda crise na educação. Esta crise não é recente, muito embora, nos últimos anos, por iniciativa pública e privada, muitas tentativas tenham sido realizadas para solucioná-la em vista da “importância” que a educação tem para o desenvolvimento tecnológico do Brasil.

Não há dúvida de que muitas destas iniciativas são importantes e até mesmo honestas no enfrentamento da crise, entretanto, é necessário mais do que programas e ações pedagógicas que, não obstante, são projetos que relutam em dar importância a questões centrais, como por exemplo, em responder ao “para que” se ensina. Esta falta de pergunta é ressaltada por Adorno na rejeição de práticas governamentais que objetivam preparar mão de obra para o trabalho, mas que em seu discurso propagam a opinião dominante afirmando que visam a educação para autonomia¹, para liberdade, etc. Atualmente, inúmeras práticas da administração escolar perpassam pelo desempenho quantitativo, um parâmetro que não é

¹ O termo “autonomia” vem do grego: “*nomos*” significa regra, lei, comando e “*auto*”, a si mesmo, resultando no autocomando, no conferir ou ditar a lei para si mesmo, pela qual um cada age guiado por si próprio, por sua razão.

neutro, mas ideológico, algo que se deveria averiguar antes de modificar os programas de ensino.

Adorno critica análises quantitativas, bem como a sua compreensão da educação por intermédio quantificadores que podem facilmente mascarar realidades ou mesmo forja-las; por exemplo, uma escola pode elevar muito sua nota no IDEB apenas praticando uma “aprovação por aprovação”, ou seja, o fator de fluxo em detrimento da proficiência, criando uma falsa noção de qualidade de ensino; da mesma forma, uma escola pode também reprovar mais simplesmente para baixar seu índice, e desta forma, se esquadrear na lista de instituições prioritária, ou seja, daquelas que recebem mais recursos. Adorno expõe a negação determinada de ideologizações e idealizações que elevam os números estatísticos, mas não as respectivas realidades, havendo, assim, uma dicotomia entre o real e o aparente.

Esta (pseudo) realidade é amplamente difundida pela indústria cultural, fundamentando seu discurso em políticas pedagógicas que não explicitam a questão central, pois, detém-se nas extremidades do problema, em uma prática a partir de estereótipos da realidade, por exemplo, pressupondo o comprometimento dos pais, o interesse dos educandos, ou ainda, a eficiência das metodologias. Assim, não se considera o lugar e tempo concreto em que estas novas crianças e jovens são inseridas no mundo² por meio de uma educação não formativa, ou seja, a desestruturação das famílias, a falta de formação docente, etc. Esta educação transformou-se em uma adaptação dos homens e das mulheres ao mercado de trabalho → uma semiformação que possibilita o surgimento de regimes como o Totalitarismo, a adesão da população às promessas e à justificação da dominação velada.

Muitos sintomas da crise na educação são perceptíveis, entre eles, a não valorização dos profissionais da educação, a falta de infraestrutura nas instituições públicas de ensino, o descaso com a formação docente, a inexistência de profissionais da saúde e de outras áreas no ambiente das escolas, enfim, questões que resultam de uma sociedade que não valoriza a educação como algo relevante. Entretanto, a crise não está em seus sintomas, mas em algo implícito nestes sintomas, ou seja, no que a realidade posta não permite compreender, mas que historicamente tem sido exposto: o fato de homens não formados são fáceis de manipular, seja pelos governos tirânicos, seja pelo império da mídia, ou por outras personificações do capital, como o consumismo, o modismo, etc.

² O “mundo” para Adorno é compreendido como o que não é natural (*physis*), assim ele é o lugar comum para a convivência entre os homens.

Nesse sentido, pode-se perguntar: se a educação não é valorizada, porque tanto se fala dela e de sua crise? Na perspectiva presente, isso é motivado pelo potencial que a educação resguarda, enquanto preparação dos indivíduos para a vida adulta, e isso mesmo frente a uma sociedade que não a valoriza. Ou seja, o surgir de uma consciência verdadeira, contrária à boa consciência. Outra interrogação oportuna é: “para onde a educação deve conduzir [?]”, em outras palavras, quais são os objetivos da educação? Se a resposta for: ela visa oportunizar o preparo dos novos seres para a emancipação, então ela necessita ser repensada como um todo, pois, o que hoje se chama de educação é uma modelagem, um treinamento de indivíduos, ou então uma mero transmitir de conteúdos $\rightarrow$ conteúdos que não são transformados em conhecimento. Entretanto, a simples leitura de qualquer Projeto Político Pedagógico das escolas expõe a meta de que os alunos se tornem críticos, autônomos, etc. Neste sentido, isso pode significar “letra morta”, ou seja, que em nome da emancipação, da autonomia e da liberdade instaura-se novamente a alienação, o treino e a repressão, pois, não se considera que é no cotidiano destas instituições que seus objetivos são realizados ou simplesmente ofuscados pela prática dominante.

Adorno compreende a educação em sua relação com a sociedade, como um elo que a correlaciona a realidade em que está inserida. Por exemplo, a reestruturação educacional empreendia durante o Regime de Ditadura Militar no Brasil (1964-1985) representa isso: a transformação da educação “formal” em uma educação tecnicista, no qual a educação desempenhava um importante papel de preparação de recursos humanos para incrementar o crescimento tecnológico e econômico. Neste sentido, não somente como consequência, mas também enquanto condição, a educação foi modificada para não colocar em risco o projeto que se pretendia estabelecer. Não obstante, uma educação que não inculcasse esta “boa consciência” de “tradição, família e propriedade”, significaria um limite ao *status quo* pelo ofuscamento do âmbito público, por um Regime baseado no autoritarismo com tendências ao totalitarismo.

É o exame de realidades análogas a esta que fizeram com que Adorno não idealizasse a educação como a única via para a emancipação. Entretanto, ele asseverou, conjuntamente com Horkheimer, em *Dialética do Esclarecimento*, que a educação seria uma formação a partir da experiência. Em uma palestra sobre *Educação após Auschwitz*,³ Adorno, ao tratar da questão da aprendizagem como tema para a pesquisa educacional, dimensiona o significado

³ Palestra na Rádio de Hessen, Alemanha, em 18 de abril de 1965. Transcrita na obra *Educação e Emancipação* (2010).

desta experiência, por exemplo, a para a música: profundidade de experiência de quando criança → na sua primeira infância → ouve uma música antes de dormir. Esta experiência formativa difere em profundidade de qualquer procedimento de experiência musical, e pode ser decisiva em sua formação. Entretanto, este desenvolvimento tem sido eliminado pela indústria cultural de forma a reter as condições e as possibilidades de uma educação para além da heteronomia⁴, ou seja, pela imposição externa de normas. Na sociedade em que não há experiência como a musical, dentre tantas outras, como o próprio pensar, Adorno afirma que a formação é transformada em semiformação, ou seja, segundo Maar (2003, p. 459) a “semiformação é a determinação social da formação na sociedade contemporânea capitalista.”⁵

A concepção de Adorno de que a “educação não é necessariamente um fator de emancipação” é importante, e possui algo em comum com o texto *A crise na Educação* de Hannah Arendt (1992), pois, ambos concordam com a dificuldade de pensar a questão do “educar alguém”, assim como estão cientes de que isso é fundamental para a vida individual e em grupo.⁶ Neste sentido, situa-se a pergunta de Kant (2002, p. 20): “deve a educação do indivíduo imitar a cultura que a humanidade em geral recebe das gerações anteriores?” E ele continua, porém afirmativamente: “Entre as descobertas humanas há duas difíceis, e são: a arte de governar os homens e a arte de educá-los.” Adorno, assim como Marcuse, vislumbra nisto uma possibilidade histórica de superação da sociedade estabelecida, pois, o fato de chegarem pessoas ainda não adaptadas ao grupo, impõe sempre um novo limite à perpetuação do sempre igual. Assim, se é muito difícil mudar objetividades sociais e políticas, pode-se iniciar a mudança pela objetividade – pelo sujeito recém-chegado e portador de uma novidade plural, e isso não a partir da “ditadura da liberdade” - por princípios e caminhos definidos -, mas pela possibilidade de potencializar as suas “reflexões sobre si próprias”. (ADORNO, 2010, p. 121) Neste sentido, “a educação é formação, é pensar problematicamente conceitos como estes que são assumidos meramente em sua positividade, possibilitando adquirir um juízo independente e autônomo a seu respeito.” (*Idem*, 2010, p. 80)

⁴ A distinção entre heteronomia e autonomia é de Kant. Autonomia significa comandar, ou ditar, a lei para si mesmo, pela qual um cada age por si próprio pela razão.

⁵ Um exemplo bastante comum é o que se denomina “analfabetismo funcional”.

⁶ Um exemplo incontornável está exposto na obra de W. Jaeger, *Paidéia*.

3 A estética na da sociedade administrada

Adorno dedicou uma atenção especial à estética, tanto pela reflexão filosófica, como por sua experiência enquanto musicólogo e compositor. Uma abordagem sobre a teoria estética de Adorno em suas características e propriedades implicaria uma análise pormenorizada, demasiadamente extensa, que não é oportuna agora, pois importa especificamente a interligação possível entre estética e sociedade, estética e formação, estética e educação.

A análise de Adorno questiona a manipulação da arte pela indústria cultural, e a utilização da estética na cultura afirmativa, ou seja, sua transformação em mercadoria de reprodução da ideologia estabelecida. Adorno questionou também o estatuto da obra de arte e sua reprodução. Por analogia, se pode comparar a situação da arte na sociedade de massa, analisada por Adorno, ao atual modismo popular de músicas como *Camaro Amarelo*, a grande audiência dos chamados *reality show* como o *Big Brother Brasil*. Mas também, pela superlotação em estádios de futebol e a idolatria aos seus atletas, a supervalorização do corpo e com a concomitante vulgarização consumista, enfim, no ócio substituído pelo entretenimento de novelas⁷ e filmes, como os de guerra, de terror, dentre outros. É possível perceber que a “crise na formação estética” não é um fenômeno recente, mas que está intrinsecamente relacionada à “crise da educação”, uma situação que requer atenção, pois, abre espaço para que “qualquer coisa possa acontecer” e pior, ser aceita como “normal” no país da mesma forma como foi possível na Alemanha, com o Nazismo. E assim, uma imprensa que não diferencia a liberdade de expressão do sensacionalismo compactua com a exploração do sofrimento humano, com a propagação de opiniões privadas como se fosse pública, e ainda, a invasão da esfera privada pelos meios de comunicação em massa. Este panorama configura a não formação estética (ou talvez uma “deformação” estética), enquanto uma substituição da capacidade de imaginar pelo “saber fazer”.

A dimensão estética está presente em quase todos os trabalhos de Adorno, seja de forma direta ou indireta, mas na maior parte das vezes relacionada à sociedade – em uma perspectiva que o distânciava de Marcuse no trato da questão. Segundo Valls (2002, p. 189), “em Adorno, a filosofia – nas pegadas de Lukács e de Benjamim –, não só precisa recorrer à

⁷ Sobre as novelas, Adorno afirmou, em uma entrevista intitulada *Televisão e formação* (2010), que “em sua configuração usual, essas novelas são politicamente muito mais prejudiciais do que jamais foi qualquer programa político.”

arte, mas inclusive se torna num certo sentido artística, ou seja, a teoria da arte se torna ‘teoria estética, não apenas estética filosófica, mas também teoria estética’. Na *Dialética do Esclarecimento* esta relação é abordada a partir da análise da tentativa de substituir a imaginação pelo saber, de tornar a arte em uma não representação da sociedade. Na sociedade estabelecida toda a arte é enquadrada, diminuindo a distância do sujeito em relação ao objeto. Com o “progresso do esclarecimento só as obras de arte autênticas conseguiram escapar a mera imitação daquilo que, de um modo qualquer, já é.” (ADORNO & HORKHEIMER, 2006, p. 31)

Essa tendência engloba o pensamento humano na tentativa de se igualar ao mundo. O sujeito e o objeto, neste viés, tornam-se nulos. O pensamento “transforma-se na mera tautologia” (ADORNO & HORKHEIMER, 2006, p. 39), uma coisificação do humano. Sob o domínio da sociedade estabelecida, toda a cultura é manipulada, transformada mercadoria, e assim, por exemplo, o “cinema e o rádio não precisam mais se apresentar como arte”, pois, pela imposição de métodos de reprodução passam à “disseminação de bens padronizados para a satisfação das necessidades iguais” (*Idem*, 2006, p. 114). Neste viés, os meios técnicos procuram uniformizar o caráter subversivo que subsiste até mesmo na arte cooptada, e pela indústria cultural se realiza uma “harmonização da palavra, da imagem, da música”, e a “arte sem sonho destinada ao processo realiza aquele idealismo sonhador que ia longe demais para o idealismo crítico.” (*Ibidem*, 2006, p. 117)

A arte, a música, a literatura, a filosofia, etc. têm na indústria cultural sua “produção administrada por especialistas”; neste sentido, Adorno e Horkheimer (2006, p. 118) afirmam que “a indústria cultural desenvolveu-se com o predomínio do efeito, a performance tangível e o detalhe técnico alcançaram sobre a obra, que era outrora o veículo da Ideia e com essa foi liquidada.” A indústria cultural procurou exterminar aos detalhes que são subversivos, do “romantismo ao expressionismo”; ao eliminar os subversores, ela elimina o humano, a possibilidade de reconhecimento, enfim, o caráter perturbador e reflexivo da dimensão estética em sua transcendência ao aparente. O novo estilo é uma negação do estilo, pois, propõe uma reconciliação entre o universal e o particular, ou seja, entre dois extremos em que não há mais tensão, e assim a “ideia de estilo autêntico torna-se transparente na indústria cultural como um equivalente estético da dominação.” (*Idem*, 2006, p. 122) O estilo, para Adorno e Horkheimer, é a promessa da obra; para eles (*Ibidem*, 2006, p. 123), pela harmonização levada ao humano, acaba por reconciliar o humano com o absoluto, e assim,

uma barbárie estética que “consoma hoje a ameaça do que foi reunido e neutralizado a título de cultura.” (Ib., 2006, p. 123)

A sociedade estabelecida pela indústria cultural procura manter a continuidade do conformismo, enquanto ideologia, e por meio da cultura ela leva a alma à interiorização do princípio externo. Assim, ela inaugura a harmonia total, ou seja, a “boa consciência”. O homem, como expectador, não deve receber um mundo arranjado, organizado previamente, sem a necessidade de pensamento próprio. Assim, exatamente “como os objetos dos filmes cômicos e de terror, o pensamento é ele próprio massacrado e despedaçado.” (ADORNO & HORKHEIMER, 2006, p. 129) A indústria cultural impõe sua repressão a partir da (pseudo) satisfação, da diversão que favorece a resignação, e pela diversão realiza a *catarse*⁸, tornando-a uma apologia da sociedade, pois, na sociedade administrada se divertir significa estar de acordo. Assim, o divertimento supera o pensar pelo esquecer, distrai, não ensina, é fuga da resistência, e pela propaganda apregoa que a felicidade como algo de sorte, algo que não está acessível a todos. A “cultura sempre serviu para domar os instintos revolucionários”, mas a cultura industrializada faz algo a mais, ela “exercita o indivíduo no preenchimento da condição sob a qual ele está autorizado a levar essa vida inexorável.” (ADORNO & HORKHEIMER, 2006, p. 143)

Adorno desenvolveu na obra *Teoria Estética* as linhas gerais ao que já havia apontado sobre a arte⁹ em geral, como experiência estética. Assim, sua teoria estética é uma tentativa crítica de refutar esta noção da arte como fuga do mundo, pois a arte não está no fora do mundo, nem mesmo se existisse este “fora do mundo”, e isto devido a sua dimensão estética: uma lógica intrínseca que ela possui de representar o mundo como ele é, expondo-o de múltiplas maneiras. Em muitos períodos da História, os artistas foram desvalorizados, acusados e discriminados, pois o representar ou o rerepresentar o mundo “como ele é” não é uma tarefa possível frente a olhos tão acostumados a não enxergar, a ouvidos que não escutam.

A arte, assim como a filosofia, tem a tarefa de externar ao sofrimento humano, a sua finitude, enfim, de comunicar a não liberdade, ao passo que, desta forma, toda obra artística, dentre as quais Adorno confere especial atenção à música e à poesia lírica, tem a

⁸ A *catarse* para Adorno é uma forma de sublimação da natureza. O termo significa uma purificação, uma purgação, e foi utilizado por Aristóteles no sentido de purificação da alma por meio do drama.

⁹ Para Adorno (1970a, § 136, p. 206) “o *pathos* da arte assenta em que, graças à sua retirada para a imaginação, dá à prepotência da realidade o que é seu, mas sem se resignar à adaptação nem continuar a violência do externo na deformação do interno.”

potencialidade de dizer o que não se quer que seja dito, mas que ao ser dito abre para a transcendência do aparente. Neste horizonte, a arte não tem o poder de transformação social, pois está envolta nas dicotomias de uma sociedade atomizada. Entretanto, ao expressar o mundo como ele é e não permitir ser uma fuga dele, ela possibilita, no âmago da administração total, uma experiência estética formativa, e nessa, a existência de um espaço na pretensa coesão.

Adorno investe-se de sua experiência estética para apontar perspectivas para a educação, ou seja, para uma educação para a emancipação que é sinônima de uma educação para a imaginação, e isso por meio de experiências formativas em cuja dimensão estética é subversiva. Este caráter transcendente da arte e da educação $\rightarrow$ sua dimensão estética $\rightarrow$ significa a condição filosófica de vislumbrar uma tendência de autorrealização do ideal adorniano de uma organização mais qualitativa para a vida humana, e nestes termos, da perspectiva de uma educação estética formativa das novas gerações como sua condição de possibilidade.

Considerações finais

A abordagem da educação e da estética a partir da elaboração de Adorno, interligadas a sua concepção de sociedade como nexos funcionais, em oposição a sociedade enquanto “totalidade”, possibilita vislumbrar as possibilidades históricas de recapacitação dos seres humanos para experiências formativas. Se por um lado, a ausência de pensamento e a incapacidade de se colocar no lugar do outro é o resultado da semiformação e da incapacidade para experiências, os elementos subversivos e transcendentais da educação enquanto experiência formativa evidenciam não a garantia, mas a possibilidade de uma realidade mais qualitativa.

Aquém de uma efetiva emancipação, a educação e a arte $\rightarrow$ limitadas em sua dimensão estética $\rightarrow$ reproduzem a ideologia de aplainamento das qualidades subjetivas, das potencialidades dos sujeitos transformados em “indivíduos”, e ampliam a sua ilusão de liberdade com a falácia da possibilidade de uma vida reta em uma totalidade falsa.

A educação e a estética, na sociedade de massa, foram transformadas em “utopias do sem lugar”, uma representação do mundo como ele não é. A indústria cultural procurou padronizar as dimensões plurais, transformando-as no empecilho para a emancipação do humano. Entretanto, ressalta Adorno (1970, § 66, p. 92) que “uma sociedade emancipada não

seria, todavia, um estado uniforme, mas a realização do geral na conciliação das diferenças.” Neste sentido, compreende-se a sociedade como a conciliação e o convívio de homens diferentes empenhados no comum compromisso com o mundo.

Para além da sociedade administrada, a educação e a arte possuem elementos significativos para a imaginação humana, para seu pensar e agir, sobretudo a partir de experiências formativas que os recapacitem para a superação do estereótipo que os desqualifica, desumaniza. Na sociedade administrada o caráter subversivo da educação e da arte, mesmo que incapazes de transformação social, reside em externar ao sofrimento humano sua finitude, de comunicar sua não liberdade, de não mascarar a realidade estabelecida como natural e imprescindível. Neste sentido, para Adorno a tarefa fundamental da educação é evitar a desumanização do mundo humano. Em contraponto com a semiformação responsável pela perpetuação do estabelecido, Adorno (*Idem*, 2010a, p.119) insere uma exigência frente à consequência desta formação na sociedade de massas; “a exigência que *Auschwitz* não se repita é a primeira de todas para a educação.” Assim, a educação para a experiência – para a conscientização de si e do mundo – é uma educação contra a barbárie, uma experiência estética de recusa da substituição repressiva da capacidade de imaginar pelo primado do “saber fazer”.

Referências

ADORNO, Theodor W. **Mínima Moralía**: reflexões a partir da vida lesada. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1970.

_____. **Introdução à sociologia**. Tradução de Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Unesp, 2008.

_____. **Educação e emancipação**. Tradução de Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. Tradução de Mauro W. Barbosa. São Paulo: Nova Perspectiva, 1992.

JARDIM, Giovane. **Theodor W. Adorno**: Emancipação e Liberdade para além da Sociedade Administrada. Dissertação de Mestrado. Pelotas: UFPEL, 2013.

KANT, Immanuel. **Sobre a pedagogia**. 3 ed. Tradução de Francisco Cock Fontanella. Piracicaba: editora da UNIMEP, 2002.

MAAR, Wolfgang Leo. Adorno, semiformação e educação. **Educ. Soc. [online]**. vol.24, n.83, (pp. 459-475), 2003.

MARCUSE, Herbert. **Eros e civilização**: Uma interpretação Filosófica do Pensamento de Freud. 8 ed., Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: LTC, 1999.

VALLS, Alvaro. **Estudos de estética e filosofia da arte**: numa perspectiva adorniana. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.